

PF abre inquérito sobre execução de empresário em Guarulhos

Assassinato no Aeroporto de Guarulhos

PF abre inquérito sobre execução de empresário; PMs da escolta são afastados

— Em depoimento ao qual o 'Estadão' teve acesso, agentes disseram ter tido problema mecânico em posto de gasolina

MARCELO GODDY ÍTALO LORE

A Polícia Federal abriu inquérito para investigar a execução na sexta-feira, 8, no Aeroporto de Guarulhos, de um empresário que havia feito delação contra o PCC. A investigação ocorrerá de forma integrada com a Polícia Civil de São Paulo e está justificada pela função de polícia aeroportuária da instituição. A Polícia Civil apreendeu os celulares dos quatro policiais militares encarregados da escolta do empresário Antonio Vinicius Lopes Gritzbach. Eles foram afastados preventivamente das funções na Polícia Militar. O objetivo é averiguar o papel deles no caso.

Os aparelhos telefônicos da namorada da vítima (que estava com Gritzbach na hora da execução), do filho do empresário e de um amigo (que estavam no carro que iria buscar a vítima no aeroporto) também foram apreendidos. O caso é investigado pelo Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa Humana (DHPP). Gritzbach levou dez tiros de fuzil, que transfixaram seu corpo.

As 17h43 de ontem, dia 9, após uma denúncia anônima feita ao telefone 190, policiais do 15º Batalhão da PM acharam duas mochilas com as armas que teriam sido usadas pelos criminosos. Elas estavam na Rua Guilherme Lino dos Santos, 1.043, na Vila Nossa Senhora de Fátima, em Guarulhos, na Grande São Paulo. Havia ali um fuzil Ak-47, calibre 7,62 mm, uma pistola calibre 9 mm e um fuzil AR-15, calibre 5,56 mm. O material estava em um terreno baldio, próximo de onde os assassinos abandonaram antecorpo o Gol preto usado no crime.

Policiais do DHPP foram ao local e apreenderam as armas, enviadas à perícia para exames de balística.

Nas mochilas havia ainda a placa de um carro que, segun-

do informações da Polícia Militar, pertencem a um Gol preto, modelo 2009/2010, licenciado em Carapicuíba, na Grande São Paulo. De acordo com o monitoramento das câmeras do sistema de segurança estadual, a última movimentação detectada do veículo foi em 8 de novembro - dia do crime -, às 22h14, no quilômetro 112,8 Rodovia Manoel Hipólito Rego, sentido Bairro Canto do Mar, Caraguatatuba.

'Todos os responsáveis serão punidos', diz Tarcísio de Freitas

O governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), postou no X, antigo Twitter, que as circunstâncias do tiroteio que matou o empresário serão "rigorosamente investigadas e todos os responsáveis serão severamente punidos". "Reforço meu compromisso de seguir combatendo o crime organizado em São Paulo com firmeza e coragem", afirmou.

O secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, Guilherme Derriete, declarou no Instagram: "Não vamos permitir que situações como essa se repitam em nosso estado".

Para o procurador de Justiça do Ministério Público de São Paulo (MP-SP) Marcio Sérgio Christino, mesmo que se confirme que o assassinato tenha sido praticado pelo PCC, isso não representa um aumento expressivo da violência da facção. Christino é autor do livro 'Laços de Sangue, sobre a história do PCC'.

"O PCC apenas cumpriu o que sempre fez, inclusive de forma bem parecida com crimes anteriores: matou alguém que havia traído a facção", declarou. ●

DEPOIMENTOS. Os policiais militares deram sua versão sobre como atuaram no caso em depoimentos à Polícia Civil. As transcrições de três dessas oitivas, incluindo a do único PM que estava no local, foram obtidas pelo Estadão. Gritzbach foi assassinado no Terminal 2 quando voltava, com a namorada, de uma viagem. Informações preliminares indicam que ele seria recebido pelo filho, de 11 anos, e um grupo de quatro seguranças, composto por PMs que faziam a proteção do empresário.

No caminho para o aeroporto, porém, um dos carros usados por eles teria, segundo os PMs, apresentado uma falha mecânica enquanto estava em um posto de gasolina. Três dos seguranças, então, teriam ficado com o veículo, enquanto o quarto seguiu com o filho da vítima e outro adulto, tido como amigo do menino (ele é descrito também por um dos PMs como sobrinho de Gritzbach).

Segundo a Secretaria da Segurança Pública, os dois carros utilizados pela escolta da vítima e um terceiro, supostamente usado pelos atiradores, foram apreendidos e pericidados. A namorada da vítima também foi ouvida pelos investigadores. Ela não teria se ferido durante o tiroteio.

Os feridos no episódio são um motorista de aplicativo, de 41 anos, um funcionário terceirizado do aeroporto, de 39, e uma passageira de 28 anos, que desembarcava no local.

DEPOIMENTO REGISTRADO ÀS 17H22. Na delegacia do Aeroporto de Guarulhos, um primeiro PM, de 39 anos, prestou depoimento na condição de testemunha protegida e, por isso, a sua identidade não foi revelada. Ele alegou que fazia apenas a escolta do filho de Gritzbach. Na sexta, como o menino receberia o pai no aeroporto, o PM foi com ele até o local, juntamente com outros três agentes.

Segundo o depoimento, ele e outro PM embarcaram no carro

que teria apresentado a falha, uma Volkswagen Amarok. Enquanto isso, outros dois policiais foram no outro veículo, uma Chevrolet Trailblazer, juntamente com o filho do empresário e o amigo do menino. Os dois estavam a caminho do aeroporto, quando pararam em um posto de gasolina na Rodovia Helió Smidt, em Guarulhos, para lanchar e aguardar um pouco para seguir viagem. Quando foram sair, porém, a Amarok não teria ligado.

O policial disse ter ficado no posto de gasolina junto a outros dois agentes. Enquanto isso, o quarto policial seguiu para o aeroporto em outro veículo, uma Chevrolet Trailblazer, com o filho do empresário e o amigo do menino. "Alguns minutos depois, o filho de Antonio (Vinicius Gritzbach) ligou dizendo: 'Deram tiro aqui, tio, deram tiro aqui'", diz um trecho do depoimento.

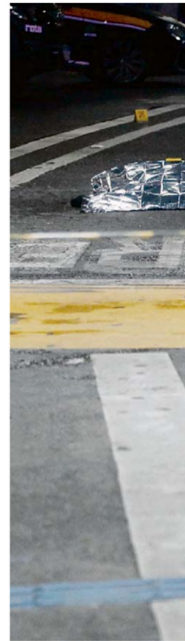
Depois disso, o policial relatou que o grupo que havia ficado no posto pediu que um segurança que trabalhava por lá levasse ao menos dois deles até o Terminal 2 do aeroporto. Ele disse ainda que os policiais da escolta só conseguiram se reunir momentos depois, juntamente com o filho de Gritzbach, e que não suspeita quem teria cometido o crime. Acrescentou também que não sabia que o empresário era investigado por possível elo com o PCC.

DEPOIMENTO ÀS 08H21 DE SÁBADO. No DHPP, um segundo policial, este com 34 anos, disse que prestava serviço a Gritzbach havia nove meses e que, durante esse período, teria visto, por meio de "comentários da mídia social", que o nome dele estaria ligado a noticiários envolvendo o PCC. Ele alegou que, por essa razão, tinha parado de fazer a escolta do empresário.

Escolta separada Os dois carros que cuidavam da segurança se separaram quando um deles teve suposta pane

No entanto, foi acionado para um serviço esporádico de dois dias nesta semana. O policial afirmou que estaria na Amarok e que chegaram ao posto de gasolina por volta de 15h20 - o assassinato ocorreu perto das 16h. Ele relatou basicamente a mesma história do primeiro agente.

Segundo ele, um dos policiais fez contato com algum dos ocupantes da Trailblazer, informando que a Amarok não dava partida, e sugeriu que o carro que funcionava retornasse até o posto para que um dos ocupantes descesse e desocupasse um lugar (uma vez que Gritzbach e sua namorada chegariam ao aeroporto). Segundo ele, posteriormente o grupo que estava



na Trailblazer seguiu até o aeroporto. O policial militar disse, por fim, que desconhece quem possa ser o autor do crime.

DEPOIMENTO ÀS 13H34 DE SÁBADO. No DHPP, outro policial, de 29 anos, disse que prestava o serviço de segurança para a família do empresário desde setembro e que sabia que Gritzbach era investigado por lavagem de dinheiro, mas afirmou que desconhecia maiores detalhes. O policial disse que estava na Trailblazer juntamente com outro policial, o filho da vítima e o amigo dele.

Ele corroborou a informação de que, quando já tinham saído, o outro veículo teria apresentado falha mecânica. Disse ainda que, por isso, eles teriam retornado para o posto para que o outro PM ficasse por lá e tentasse ajudar.

O policial foi, portanto, o único que seguiu com o filho de Gritzbach e com o amigo para buscar o empresário no aeroporto. Ele conta que, chegando lá, eles pararam a Trailblazer na fila de espera para pegar os passageiros de desembarque, enquanto o delator ia se comunicando com o filho.

Durante a manobra para a aproximação da entrada do portão do Terminal 2, porém, o policial disse que ouviu estampidos "semelhantes aos de uma arma de fogo". Ele disse que "simultaneamente visualizou um tumulto de populares que corriam em sua direção". ●

Veículo: Impreso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Metrôpole Caderno: A Pagina: 18